

## ENSAIO DE PASSOS NO CAMPO DA DIFERENÇA ONTOLÓGICA

Antônio Afonso da Cunha \*

"EN ARKE EN O LÓGOS"

(Jo 1, 1 in Novum Testamentum Graece et Latine, Augustinus Merk SJ,  
ed. sexta, Romae, 1948)

"EN TÒ PHÔS TÒ ALETHINÓN. . ."

(idem, ibidem)

". . . PLÉRES KÁRITOS KÁÍ ALETHEÍAS"

(idem, ibidem)

### INTRODUÇÃO

Estamos apresentando umas reflexões sobre posicionamento de Heidegger. Sendo que a todos e, sobretudo, aos que se dedicam à filosofia fica bem a humildade (a Doutora de Ávila afirmava que a humildade é a verdade); é com esse espírito que colocamos a todos nossas reflexões ("contemplata, aliis tradere").

No último capítulo saímos da órbita filosófica e giramos numa teológica que não enfraquece aquela, mesmo porque um sadio refletir filosófico deve desembocar em um autêntico pensar teológico e ambos devem transformar o cotidiano da existência humana.

### CAPÍTULO I AUSÊNCIA DA AUSÊNCIA

Porque há uma presença da ausência, como veremos adiante, nós podemos falar de uma ausência da ausência. À primeira vista, a expressão causaria enorme estranheza não fora a possibilidade de que algo que já foi tenha a possibilidade de estar presente.

Na célebre, intrincada e insolúvel questão do tempo, pode-se perceber uma "presença" do passado:

*O presente contém memórias do passado e expectativas do futuro.  
"E assim, a minha infância, que já*

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

*não existe presentemente, existe no passado que já não é; porém a sua imagem, quando a invoco e se torna objeto de alguma narrativa, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória (. . .) Sei com certeza que nós, a maior parte das vezes, premeditamos as nossas ações futuras e que essa premeditação é presente, ao passo que a ação premeditada ainda não existe, porque é futura." (S. Agostinho, 1942, livro XI, Cap. 18).<sup>1</sup>*

Mas, o que entendemos por ausência da ausência?

Ausência, logo salta aos olhos, é falta de presença. Ausência é antônimo e a realidade oposta à da presença.

Nós notamos as presenças, e estas se fazem notar mais ainda quando ausentes. Basta sentir quando estamos ouvindo um barulho insistente, quando ele cessa, percebemos melhor pela sua ausência, a sua presença.

A presença de certo modo condiciona e, mesmo, torna presente a ausência. Ausência é uma falta de presença.

Ausência é um nada de presença.

Se assim for, ausência da ausência seria, em outras palavras, o nada do nada.

Poderíamos estar diante da nadificação do nada de Heidegger?

Creemos que sim. A nadificação do nada é a substantivação do nada. A ontificação do nada.

Creemos que tal nunca se daria no plano ontológico. Estaríamos diante de um ser, cuja realidade seria a não-realidade. A identificação do ser com o não ser. Ora, a própria literatura já nos lembra "to be or not to be".

No plano ôntico, tal também não se verificaria, mesmo porque o ôntico vela e revela o ontológico. Um ente nada-do-nada não revelaria, desocultaria, ou mesmo, ocultaria coisa nenhuma.

Estamos diante do que se chama e se chamou: absolutização do nada. O nada absoluto. Nada absolutamente de ser, de Deus, do homem e das coisas.

Seria, talvez, o "nihil negativum" de Kant.

*"... finalmente, a modalidade dá origem à idéia do nada como objeto vazio sem conceito (Nihil negativum), como o contraditório e impossível, tal como uma figura retilínea de dois lados".<sup>2</sup>*

1. LACEY, H.M. *A Linguagem do Tempo e do Espaço*, trad portuguesa Marcos Barbosa de Oliveira, Perspectiva, São Paulo, p. 44.
2. MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*, II vol. ed. Sudamericana, 5ª ed., 1968, verbete NADA p. 249:

É aquele nada que exige muito maior poder para se fazer dele alguma coisa.

*"Por onde, muito maior virtude se requer no agente se não preexistir nenhuma potência. E assim, muito maior virtude é fazer alguma coisa do nada do que do contrário."*<sup>3</sup>

É a total ausência da ausência. Isto é, nada absoluto, total e totalizante. Não chega nem a ser aniquilação, em certo sentido. Não há possibilidade de pensá-lo e nem de sua existência.

*"a idéia do nada absoluto, entendido como uma abolição de tudo, é uma idéia destrutiva dela mesma, uma pseudo-idéia, uma simples palavra".*<sup>4</sup>

Com este nada, nada absolutamente nada se pode fazer. Não se constitui ele nem objeto e muito menos sujeito do que quer que seja. Em certo sentido, poderíamos afirmar que tudo o que dissemos seria nada de nada. Aparentemente, uma perda de tempo. Entretanto, serve como introdutório ao nosso tema, isto é, não é deste nada que vamos nos interessar. Vamos procurar outro nada, que nos possa levar a alguma coisa.

*"Como vemos não se trata de um "nada negativo", mas, de um nada do ente, "NIHIL ENTIS".*<sup>5</sup>

## CAPÍTULO II PRESENÇA DA AUSÊNCIA

Se ausência lembra falta de presença, a expressão acima, à primeira vista, soa contraditória. Mas, como rapidamente vimos anteriormente, há uma presença de algo que está ausente.

Citamos o exemplo do ruído, mas poderíamos lembrar a presença que continua da pessoa que parte em viagem. Aquela deixa em nós um vazio, abre um parêntese em nossa vida, mas que, paradoxalmente, é preenchido pela presença a que poderíamos, assim pensamos, chamar "saúde". A saúde torna presente o ausente.

Porém, surge um problema: esta colocação é extremamente subjetiva. São razões psicológicas que realizam tal presença, tanto é que, para um estranho, tal ausência da pessoa nada significa. É o meu "eu" quem dá presença à falta de alguém ou mesmo das coisas. Percebe-se que ficamos num plano óptico.

3. S.Th.Aq.XLV, a V ad 2um. – ed. bilingüe Alexandre Correa, vol. III, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1962, p. 53.
4. FOULQUIÉ, P. et SAINT-JEAN, R. **Dictionnaire de la Langue Philosophique**, 2ème éd., PUF, Paris, 1969, p. 473. verb. "Neant" (3) "3 – L'idée du néant absolu, entendu au sens d'une abolition de tout, est une idée destructive d'elle-même, une pseudo-idée, un simple mot."
5. KUNZ, E.L. **Deus no Espaço Existencial**, Sulina, Porto Alegre, 1975, p. 70.

Presenta-se uma pessoa ou uma coisa no meu sujeito que nada mais é que um ente. Um ser-já-sendo. Um partícipio do ser.

Porém, devemos continuar para ultrapassar tal plano, buscar, interrogar os entes para entrever o ser que nos vem do outro-que-o-sendo.

*"O outro-que-o-sendo é, pois, sujeito de realização que, em seu "nada", abre espaço para acolher as respostas das ciências às perguntas do por quê, como e para quê o ente. Não é o nada absoluto, é o "não-uma-coisa".<sup>6</sup>*

Marx, seria interessante lembrar, quando lhe questionam sobre a origem do primeiro homem, responde assim:

*"À questão: 'Quem formou o primeiro homem e a natureza em geral?' Marx responde: 'A questão é um produto da abstração. Tu perguntas como se chega a esta questão? . . . Se tu colocas a*

*questão da criação da natureza e do homem, fazes a abstração do homem e da natureza. Tu os pensas como não existentes e queres que eu te demonstre que eles existem. Eu te digo então: abandona tua abstração e tu abandonarás tua questão. . . porque desde que tu pensas e me interrogas, tua maneira de fazer a abstração do ser da natureza e do homem perde todo sentido.'* (Manuscritos, 1944, p. 98). *Toda questão sobre o ser emana de um ser: por conseguinte, é contraditório, na mesma questão, incluir a não-existência deste ser; o conceito do nada não pode ser encontrado a não ser por um ser e por abstração, a partir do ser que se imagina vazio de todo conteúdo."*

Por isto, se perguntamos pelo nada, supomos alguma presença. Não fora o nada algo, não teria sentido sua interrogação.

---

6. Idem, ibidem, p. 70.

7. GARAUDY, R. **Clefs pour le Marxisme**, ed. Seghers, Paris, 1977, p. 122: "A la question: "Qui a engendré le premier homme et la nature en général?" "Marx répond: "La question est elle-même un produit de l'abstraction. Demande-toi comment on arrive à cette question? . . . Si tu poses la question de la création de la nature et de l'homme, fais donc abstraction de l'homme et de la nature. Tu les penses comme n'existant pas et tu veux pourtant que je te démontre qu'ils existent. Je te dis alors: abandonne ton abstraction et tu abandonneras aussi ta question. . . car dès que tu penses et tu m'interroges, ta façon de faire abstraction de l'être de la nature et de l'homme n'a aucun sens." (14). Toute question sur l'être émane d'un être; il est par conséquent, contradictoire dans cette question même, d'impliquer la non-existence de cet être; le concept du néant ne peut qu'être forgé par un être et par abstraction, à partir de l'être qu'on imagine vidé de tout contenu."

Heidegger vai re-buscar na sua originalidade aquele nada do qual a ciência quer saber nada. Este "sobra" para o cientista, mas vai constituir o fulcro fundante, inaugurante do interrogar filosófico, ontológico e – por que não? – metafísico.

Não se trata da razão que o homem tem de poder dizer "não", de poder negar. É algo anterior à prolação de um "não" pelo homem.

*"Nós afirmamos: o nada é mais originário que o (não) e a negação."<sup>8</sup>*

O homem-ser-aí interroga na sua originalidade o ser-mesmo. É ele, como ser por natureza interrogante "O ser-consciente-no-mundo só pode existir como pergunta pelo ser (. . .) O "acontecer" humano, como luz na qual as coisas são", realiza-se no ser perguntando (Rahner, 1963, p. 73/77)<sup>9</sup>, e somente ele vai às coisas-mesmas para conseguir o sentido e perceber o acontecer delas pela escuta ao ser que nelas fala.

Ele se encontra diante do nada-de-ente. Este lhe dá a presença, ou lhe possibilita o encontrar-se com o ser.

Na angústia, isto é, no sentimento que todos têm do abandono dos entes. Quando o ente do homem sente-se só como esquecido pelos outros que fazem o seu mundo. Quando ele se encontra suspenso "no ar" do abandono "A angústia manifesta o nada. "Estamos suspensos" na angústia."<sup>10</sup>, percebe o não-ente, o nada de ente, o outro-não-endo, que vai lhe desocultar o âmago, isto é, a profundidade do ser.

Perceberá o homem que entes não são o ser. Na sua transcendência essencial e só própria a ele, o homem capta pela presença do não-ente a realidade do ser.

O nada faz eclodir o ser. E o ser do ente. Ele faz a abertura do ser-aí, do homem para o ente. O nada é, cremos poder afirmar, o clima, o envólucro onde o ser respira e se guarda.

*"Ser-aí quer dizer: estar suspenso dentro do nada. Suspendendo-se dentro do nada o ser-aí já sempre está além do ente em sua totalidade."<sup>11</sup>*

Esta presença da ausência só se impõe como meio para algo que transcende. É nosso parecer que demasiada

8. HEIDEGGER, M. **Que é Metafísica?**, trad. port. Ernildo Stein, Duas Cidades, São Paulo, 1969, p. 27.

9. KUNZ, E.L. op. cit. p. 74.

10. HEIDEGGER, M. op. cit. p. 32.

11. Idem, ibidem, p. 35.

carga sobre o nada poderia trazer o risco de quase entificar o nada. Corre-se o perigo mesmo de trancar as possíveis aberturas para as passagens para outras regiões como as do além-ente.

Não sei se erramos, mas o nada é simplesmente um "método", um dos caminhos para flagrarmos o ser, e o ser-do-ente. Poder-se-ia discutir se esta visão deixaria o problema só num plano lógico, mas isto não vem ao nosso trabalho.

Entre o ser-sendo e o ser-ser, este "entre" se mostra como diferença. Há uma diferença entre o ser e o ente. O ser-do-ente não se identifica, não é "idem" com o ente. Este é aquele já entificado, dirigido. Talvez, em linguagem de escola, o ser em ato segundo. Esta diferença denota, revela (o "entre", o outro-que-o-sendo) a não igualdade entre ente e o seu ser. A desmesmicidade entre ser e ente. A diferença ontológica faz o ser-af-do-homem captar a originalidade do ser.

Em tempos bem remotos ao latim clássico a palavra que deu origem à nossa: "diferença", isto é, "differentia" se prende ao verbo "fero/ferre". Este em épocas antigas significou também "levar no seu ventre".

*"um antigo sentido de fero é "levar no seu ventre, ser fecundada". . .*<sup>12</sup>

Poderíamos sem medo de errar dizer então, apoiados na origem da palavra diferença, que esta diferença ontológica é portadora de toda a riqueza que possibilita o encontrar-se do homem com o ser-do-ente. E mesmo com o ser-do-ser.

A diferença traz no seu bojo a realidade do ser. Através do silêncio, da escuta, do abandonar-se, o homem, sem se intrometer "no pensar recolhido", assiste o nascimento do ser do qual a diferença está pejada. Esta proporciona o desvelar, o desocultamento do ser.

Da presença da ausência, iluminada pelo ser-luz do homem, brilha a presença da presença.

### **CAPÍTULO III PRESENÇA DA PRESENÇA**

O que nos interessa não é propriamente o nada, seja sobre que aspecto nós o tomemos. Como dizia o próprio Heidegger que o "nada é o véu do ser", "O nada enquanto o outro do ente é o véu do ser."<sup>13</sup>, nós não podemos nos ater ao "véu", seria ficar na

12. ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Etymologique de Langue Latine*, 4ème ed., Klincksieck, Paris, 1967, verb. FERRO, p. 227: "Un ancien sens de fero est "porter dans son ventre, être fécondée". . .

13. HEIDEGGER, M. op. cit. p. 58.

periferia e não atingir o central. Se o nada é que inicialmente manifesta o ser, é este que deve chamar a nossa atenção.

E daí nós nos encontramos diante da presença da presença, isto é, do ser como tal. Des-velado do nada temos o ser.

O ser se nos mostra em toda pujança como alethéia.

*"O ser se manifestou num des-velamento (alethéia)."<sup>14</sup>*

Isto é o que os gregos denominavam verdade. Desoculta-se o ser, ou a verdade é o desvelamento do ser. Entretanto, quando mais o ser se desvela mais ele se oculta. É o admirável paradoxo do ser. E nisto ele cada vez mais se presencia ao homem.

O homem é aquele ser-lançado-af. O único que não é mas que existe. Poderíamos dizer o único por onde o ser se manifesta. E o único por onde o ser é conhecido.

Todo o homem está voltado para a interrogação ao ser. Os entes o cercam, os entes o distraem, os entes podem desviar a original interrogação humana; talvez porque lançado no tempo que é o seu horizonte, experimentando a

sua finitude existencial, o ser humano, para se libertar da angústia que isto lhe possa trazer, perde-se no cipoal dos entes e, inconscientemente, vê-se por eles sufocado.

Dando toda a sua atenção aos entes, esquece do ser. Heidegger acusa, por diversas vezes, a metafísica de ter se preocupado com os entes e de ter se desocupado do ser. Toda a preocupação de Heidegger é voltar-se à procura do ser, como a-lethéia no seu sentido original, como era visto por aqueles que iniciaram o perguntar filosófico. Citemos só uma passagem sua para termos idéia das suas aflições:

*"Pelo fato de a metafísica interrogar o ente enquanto ente permanece ela junto ao ente e não se volta para o ser enquanto ser. (...) Na medida em que, constantemente, apenas representa o ente enquanto ente, a metafísica não pensa no próprio ser. A filosofia não se recolhe em seu fundamento. Ela o abandona continuamente e o faz pela metafísica".<sup>15</sup>*

Não sabemos se estamos errado, mas cremos que Heidegger (talvez por sinceridade, isto é, sem malícia) foi um pouco exagerado em afirmar o esquecimento do ser por parte da metafísica.

14. Idem, ibidem, p. 62.

15. Idem, ibidem, p. 62.

sica nos filósofos anteriores a ele, exceto os gregos.

O Doutor Angélico sempre ou quase sempre faz a distinção entre o "esse" e o "ens". Ou seja, entre o ser e o ente. Já na própria palavra constatamos isto. "Ens" é forma participial de "esse". O ente participa de algo que lhe é anterior. O ente pressupõe o ato-de-ser que lhe antecede.

O ente jamais seria conhecido se não estivesse fundamentado no ser, pelo qual ele se manifesta nas suas formas sensíveis.

*"A aparente contradição se desfaz, desde que para Tomás de Aquino as coisas do mundo e o ser se encontram lado a lado em nosso conhecimento. Eles se entrelaçam como dois aspectos que mutuamente se condicionam, do único processo cognoscitivo do homem. As coisas do mundo, enquanto termo da intuição sensível dão acesso ao ser e, sob este ponto de vista, precedem, como primeiro objeto de conhecimento, o ser. O ser, no entanto, é o fundamento... Sob este ponto de vista, o ser é primeiro e precede o conhecimento das coisas do mundo. Estes dois aspectos não só são contemporâneos, mas também coincidem na*

*realidade, de tal modo que as coisas do mundo são o que é conhecido e o ser aquilo pelo qual elas são conhecidas."*

*"... O Aquinate, ao contrário, superou o perigo... enquanto põe a descoberto e em relevo o 'esse' que previamente se manifesta no 'ens'."*<sup>16</sup>

É evidente que não queremos afirmar que Heidegger não tenha originalidade no seu refletir filosófico, o que se procura mostrar é que o Anjo das Escolas não pode ser simplesmente arrolado entre os que sempre se endereçaram ao ente, quando queriam o ser, ou melhor dito, fizeram metafísica do ente quando pensavam estar em frente ao ser.

Uma coisa é certa: apesar de Heidegger afirmar que seu ponto de vista deixava abertura para Deus, contudo não chegou até Ele.

*"Assim determinado, o ser não exclui a abertura para Deus, enquanto ser absoluto (Brieg uber dem Humanismus 35ss), todavia, por causa da acenada correlatividade ao homem, não permite, sem ulteriores aprofundamentos, o acesso a Deus."*<sup>17</sup>

Isto o fez Santo Tomás e modernamente outros.

16. LOTZ, I.G. *A Atualidade do Pensamento de S. Tomás*, trad. portuguesa. P.A. Mac Dowell SJ, in *Presença Filosófica* nº 1, 2, 3, - SBFC, São Paulo, 1974, p. 84.

17. LOTZ, J.B. *Dicionário de Teologia*. Verbete S ER, 5º vol. Loyola, São Paulo, 1971, p. 209.

O ser de Heidegger, assim pensamos, ficou um tanto no ar. O encontro do ser em seu desvelamento ou ocultamento deveria chegar até o SER que é oculto e é desvelado, numa palavra: ALETHEIA PLENA.

Não era preciso que se desligasse dos entes ou que se criasse uma esfera distante e alienígena para como que forçar a presença da Presença. Deus é o SER que por essência se apresenta ao homem.

Mas voltemos à nossa interrogação. Onde se fundamentaria o ser de Heidegger? Tudo que aí está é ente, nada existe. O homem é o único existente, o ser-aí. Onde o "esse" fundamentante e não fundamentado, para que todos os entes o fossem pelo homem e este fosse o existente cujo ser ilumina todos os entes?

Onde estaria o Ato de Ser em Plenitude para encontrarmos os participantes? Não houvesse Deus, então seria o homem o ser substancial e subsistente. Tudo seria nele, com ele e por ele. E quando ele ainda não era? Anteriormente à sua existência, os entes onde buscavam sua razão de ser? Ou não tinham tal razão? Então seriam vãos e inúteis. Entes sem entidade. Particípios sem verbo.

A contingência que "infecciona" tudo que aí está, até o homem, indife-

rença para ser-ou-não-ser, seria tragédia, loucura, desespero, usando a expressão: tudo seria "uma paixão inútil", seria de fato "náusea" total se não chegaríamos àquilo que se denominou como "sentido total".

*"Deus, então, não é um objeto posto à minha frente e que a razão já estabelecida atinge, mas SENTIDO RADICAL E ABSOLUTO. . . é a experiência do meu SENTIDO TOTAL e ABSOLUTO DE SER. . ."*<sup>18</sup>

Sem cair nas ilogicidades e violências de qualquer espécie de partefismo, o autor citado, cremos, iluminado por Santo Tomás, não só deixa uma abertura para Deus, como se fizera um favor, nem força uma "clareira" no ser do homem, nem inventa um fundamento e muito menos traça artificialmente um horizonte; mas, por força de argumentação, com rigor lógico, com austeridade metafísica e com perspicácia ontológica, fundamenta, horizontaliza e clareia o Ser: DEUS.

Não há o perigo de monopolizar em Deus o ser, como se Ele fosse O incomunicável e inacessível.

#### **CAPÍTULO IV PRESENTE DA PRESENÇA**

Faremos agora uma pequena reflexão de cunho totalmente pessoal,

18. KUNTZ, E.L. op. cit. p. 85.

sem implicar rigor teológico, mas, cremos, válida como um remate ao que rápida e simplificada dissemos anteriormente.

Os entes guardam, sejam eles quais forem, uma presença da Presença. Quer pela ordem da natureza, enquanto todos foram criados por Deus, quer pela ordem sobrenatural, o homem, quando elevado à filiação divina. Contudo, este preferiu o mistério da iniquidade. Noutra palavra, o mistério da ausência. À luz optou pelas trevas.

O pecado, sim, é uma angústia radical, uma náusea visceral. Pelo pecado o homem torna-se pavio fumegante, opacidade. Sua palavra transforma-se em tapera, escombros do ser. Instala-se nele uma trágica realidade, transforma-se ele num nó de contradições. Confirma-se nele o que lembra o provérbio: "A corrupção do ótimo é o péssimo."

Contudo, a Presença faz o seu Presente. Presente não só enquanto se instala no meio dos homens, mas também enquanto dom para o homem.

E o LOGOS, a ALETHEIA, a PHOS se fazem homem.

O Cristo é o presente da Presença.

Ele de fato é o Logos do Pai. A Arké, o princípio, atuante imperante, modelo. Nele foram feitas todas as coisas.

Por isso ele é alethéia, isto é, verdade do Pai. Enquanto Deus velado na carne revela-se para o homem. Enquanto homem desvela este para Deus. É o seu papel de mediador entre Deus e os homens.

Como Aletheia ele é LUZ. Veio para iluminar todo homem e os homens todos.

Lembramos que no seu nascer foi ELE apresentado como sinal de contradição: para uns, salvação; para outros, perdição. A sua realidade seria para uns revelação, para outros velação. Uns nele veriam a glória do Pai, outros veriam um possuído por Belzebu.

Mas, na realidade, Ele recupera tudo em todos. Em Cristo, a ordem desordenada pelo homem foi recomposta na desordem ordenada da cruz.

Cristo é por excelência o "omológuein". É a perfeita harmonia do Ser com os entes, de Deus com os homens, dos homens com os outros homens, destes com as coisas. É a perfeita sintonia cósmica.

Reconstrói a palavra do homem, que já pode afinadamente falar a Deus. Pode o homem por Ele dar verdadeiro e profundo sentido às coisas. Falar pelas coisas.

E pela Cruz, e, sobretudo, pela Ressurreição do Cristo, reconquista o homem o Espaço Existencial na convivência renovada com o seu Deus.

Não é mais um espírito expulso de casa, nem um deserddado dos bens paternos e, sim, um filho e co-herdeiro.

E assim podemos dizer: Vimos a sua glória e experimentamos sua verdade.

E para Deus mais do que nunca Ele poderá dizer: Minha felicidade, meu gozo, é morar na casa dos homens.

### **OBRAS CONSULTADAS – BIBLIOGRAFIA**

AQUINO, T. **Summa Theologica**, ed. bilingüe, Alexandre Correa, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1962.

DARTIGUES, A. **O que é a Fenomenologia**, trad. portuguesa Maria José J.G. de Almeida, 2ª ed., Eldorado, RJ, 1978.

**Diccionario de Filosofia**. José Ferrater Mora. 5 ed. Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1968.

**Dicionário de Teologia**, 5º volume: Sexualidade -Virtude, Loyola, São Paulo, 1971.

**Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine**, A. Ernout et A. Meillet, 4ème. éd., Klincksieck, Paris, 1967.

**Dictionnaire de la Langue Philosophique**. P. Foulquié et R. Saint-Jean, 2eme. ed., PUF, Paris, 1969.

FINK, E. **De la Phénoménologie**, trad. francesa Didier Frank, De Minuit, Paris, 1974.

GARAUDY, R. **Clefs pour le Marxisme**, éd. Seghers, Paris, 1977.

HEIDEGGER, M. **Identidade e Diferença**, trad. portuguesa Ernildo Stein, in "Os Pensadores", vol XLV, Abril, São Paulo, 1973.

\_\_\_\_\_. **Que é Metafísica**, trad. portuguesa Ernildo Stein, Duas Cidades, São Paulo, 1969.

\_\_\_\_\_. **Que é isto – a Filosofia?** idem, ibidem.

- \_\_\_\_\_. **Sobre a Essência do Fundamento**, trad. portuguesa Ernildo Stein, Duas Cidades, São Paulo, 1971.
- KUNZ, E.L. **Deus no Espaço Existencial**, Sulina, Porto Alegre, 1975.
- LACEY, H.M. **A Linguagem do Tempo e do Espaço**, trad. portuguesa Marcos Barbosa de Oliveira, Perspectiva, São Paulo.
- LYOTARD, J.F. **A Fenomenologia**, trad. portuguesa Mary Amazonas Leite de Barros, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967.
- MERK, A.S.J. **Novum Testamentum Graece et Latine**, ed. sexta Romae, 1948.
- Presença Filosófica. Revista da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, nº 1, 2, 3. São Paulo, 1974.
- ZERWICK, M. **Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci**, PIB-Romae, 1953.